



SEMIÓTICA E DESENHOS INFANTIS: UMA POSSIBILIDADE DE INTERPRETAÇÃO

Francine Borges Bordin¹

RESUMO

Considerando as crianças como protagonistas da sociedade, participantes de sua reprodução e transformação, este artigo é o recorte de uma pesquisa realizada em 2010 para concluir o curso de graduação em Ciências Sociais. Focamos nosso objeto de estudo em uma turma de quinta série, com crianças em média de 12 anos, buscando conhecer suas interações na sala de aula e seus desenhos. Enfatizamos a antropologia e seus métodos como princípios norteadores para este estudo. Concluímos, então, que a partir da análise semiótica, as crianças apresentam e representam a sociedade e a escola à sua maneira, efetivando-se, assim, como protagonistas de suas ações. A combinação teórica e metodológica proposta permitiu às crianças expressarem-se e serem compreendidas pela pesquisadora e por aqueles que os lerem. E os elementos que compõem os desenhos permitem-nos formar uma idéia sobre a cultura infantil daquela turma.

Palavras-chave: Antropologia; Semiótica; Desenhos; Infância.

SEMIOTICS AND CHILDREN'S DRAWINGS: A POSSIBILITY OF INTERPRETATION

ABSTRACT

Considering children as protagonists of society, participating in their reproduction and transformation, this article is part of a research conducted in 2010 to complete the graduation course in Social Sciences. We focus our study object in a class of fifth-grade children with an average of 12 years, seeking to know their interactions in the classroom and their drawings. We emphasize anthropology and its methods as guiding principles for this study. We conclude, then, that from the semiotic analysis, children present and represent the society and the school in their own way, thus effecting as protagonists of their actions. The combination of theoretical and methodological proposal allowed children to express themselves and be understood by the researcher and those who read them. And the elements which compose the drawings allow us to form an idea about the child culture of that class.

Keywords: Anthropology; Semiotics; Drawings; Childhood.

“Se a imagem contém sentido, este tem de ser 'lido' por seu destinatário, por seu espectador: é todo o problema da interpretação da imagem. Todos sabem, por experiência direta, que as imagens, visíveis de modo aparentemente imediato e inato, nem por isso são compreendidas com facilidade, sobretudo se foram produzidas em um contexto afastado do nosso (no espaço ou no tempo, as imagens do passado costumam exigir

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (2010). Especialista em Educação - área de concentração: Educação Infantil (2013) e cursando Mestrado em Educação (conclusão em março de 2014), ambos pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: <francine.bb1988@hotmail.com>.



mais interpretação). (...) a abordagem semiológica, com sua distinção entre diferentes níveis de codificação da imagem, fornece uma primeira resposta a essa questão: em nossa relação com a imagem, diversos códigos são mobilizados, alguns quase universais (os que resultam da percepção), outros relativamente naturais, porém já mais estruturados socialmente (...), e, outros ainda, totalmente determinados pelo contexto social. O domínio desses diferentes níveis de códigos será desigual segundo os sujeitos e sua situação histórica, e as interpretações resultantes serão proporcionalmente diferentes” (AUMONT, 1993, p. 250).

Introdução

Este artigo pretende revisar uma parte de um trabalho de pesquisa para concluir o curso de graduação em Ciências Sociais. A monografia era intitulada *As Representações Expressas nos Desenhos Infantis - um Olhar Antropológico*. Neste texto focaremos em alguns desenhos específicos, analisados sob uma perspectiva semiótica.

O trabalho de pesquisa ocorreu durante o ano de 2010 em uma escola pública estadual da cidade de Pelotas-RS. A turma onde foi realizada a pesquisa era de quinta série durante a disciplina de artes, onde as crianças tinham, em média, 12 anos.

Considerando as crianças enquanto protagonistas da sociedade, participantes de sua reprodução e transformação, esta pesquisa toma as aulas de artes como universo de estudo. Focamos nosso objeto nas interações das crianças no interior da sala de aula e em seus desenhos. Buscamos entender como interagem, como produzem e que significados atribuem aos seus desenhos, procurando identificar significados característicos próprios das culturas infantis.

Enfatizamos a antropologia e seus métodos como princípios norteadores para este estudo, identificando o método etnográfico como o mais adequado para lidar com as crianças, pois, assim, oportunizamos ao sujeito da pesquisa expressar sua voz e manifestações próprias. Com isso, partimos de perspectivas que tomam a cultura como fator determinante para estudar as crianças e a infância dialogando com a sociologia e a semiótica, e buscando identificar características e significados possíveis de interpretação, seja nos momentos dos diálogos presentes em sala de aula, seja nos desenhos das crianças.

Neste pequeno artigo não dissertaremos sobre todo o caminho de pesquisa traçado, mas centraremos nossa atenção diretamente no objeto: os desenhos e sua análise, mostrando como a semiótica pode contribuir para compreender os desenhos infantis.

A Semiótica e os Signos

Para compreendermos a semiótica, utilizaremos a teoria de Charles Sanders Peirce (*apud* SANTAELLA, 2003) sobre os signos. A semiótica é, então, uma teoria geral dos signos, possuindo a capacidade de poder ser aplicada a todo tipo de análise, seja na linguagem verbal ou não verbal, seja nas mais variadas formas de representação, como a imagem, por exemplo. O que se busca nesta pesquisa é significar o objeto de análise, traduzindo-o enquanto signo peirciano. Na perspectiva antropológica de Geertz (2008), o pesquisador procede à análise de interpretações nativas, sendo estas, de primeira, segunda, terceira (ou mais) mãos.

O signo é uma coisa que representa outra coisa, e possui alto poder representativo. O signo só pode ser considerado signo se possuir esse poder de representar, mas devemos ficar atentos ao fato de que o signo não é o objeto em si, ele apenas representa o objeto. Na medida em que representa, essa representação depende de um intérprete. O intérprete é aquele que observa o signo e lhe atribui o significado a partir da representação mental, chamada interpretante.

(...) A partir da relação de representação que o signo mantém com seu objeto, produz-se na mente interpretadora um outro signo que traduz o significado do primeiro (e o interpretante do primeiro). Portanto, o significado de um signo é outro signo – seja este uma imagem mental ou palpável, uma ação ou mera reação gestual, uma palavra ou um mero sentimento de alegria, raiva... uma idéia, ou seja lá o que for – porque esse seja lá o que for, que é criado na mente pelo signo, é um outro signo (tradução do primeiro) (SANTAELLA, 2003, p. 12).

Podemos afirmar, então, que o signo passa por um processo de representação, dependente de um intérprete onde se dá o interpretante, e que este ciclo gera outro signo resultante do primeiro. Com isso, Peirce estabelece dois objetos do signo e três

interpretantes sobre o qual não entraremos em detalhes neste trabalho, pois focaremos aqui a atenção na tricotomia mais geral das classificações do signo.

Esta tricotomia está classificada a partir de três relações: o signo consigo mesmo, o signo com seu objeto dinâmico, e o signo com seu interpretante. Assim, temos o signo enquanto ícone, índice, e símbolo. O signo enquanto ícone não representa, mas apresenta uma simples qualidade, algo que se dá à contemplação, por isso é considerado um quase-signo.

No entanto, porque não representam efetivamente nada, senão formas e sentimentos (visuais, sonoros, táteis, viscerais...), os ícones têm alto poder de sugestão. Qualquer qualidade tem, por isso, condições de ser um substituto de qualquer coisa que a ele se assemelhe. Daí que os ícones sejam capazes de produzir em nossa mente as mais imponderáveis relações de comparação (SANTAELLA, 2003, p. 14).

Sendo o ícone um quase-signo e tendo esse alto poder sugestivo, seu interpretante será mera possibilidade “ou, no máximo, no nível do raciocínio, um rema, isto é, uma conjectura ou hipótese” (SANTAELLA, 2003, p. 14). Os ícones colocam-se, então, sempre no nível do parecer, aquele que aparece, que apresenta, enquanto o índice tem o papel de indicar o universo do qual o signo faz parte.

Desse modo, uma coisa singular funciona como signo porque indica o universo do qual faz parte. Daí que todo existente seja um índice, pois, como existente, apresenta uma conexão de fato com o todo do conjunto de que é parte. Tudo que existe, portanto, é índice ou pode funcionar como índice. Basta, para tal, que seja constatada a relação com o objeto de que o índice é parte e com o qual está existencialmente conectado (SANTAELLA, 2003, p. 14).

Sendo um ponto real concreto, o índice produz múltiplas direções para o intérprete, apenas funcionando como signo quando o interpretante estabelece a conexão em apenas uma dessas direções, constatando a relação física entre existentes, trazendo para o signo uma existência concreta. Apesar de o índice estar diretamente relacionado à existência concreta, ele também está habitado de ícones (quali-signos, qualidades). Dificilmente se verificará um signo como ícone ou índice isoladamente.

Saindo do concreto para o abstrato, temos o símbolo, quando este é de lei, considerado um tipo geral com alto poder de representação. O símbolo não representa um objeto por sua qualidade ou por sua existência concreta, mas por seu poder de representar

uma lei ou convenção que determina a representação daquele signo. Seu interpretante se dará no nível do argumento, que gerará outro interpretante que, para ser interpretado, exigirá um outro signo, e assim por diante. Símbolos também trazem caracteres icônicos e indiciais, que potencializam seu poder de significar por ser portador dessa lei de representação.

Note-se que, por isso mesmo, o símbolo não é uma coisa singular, mas um tipo geral. E aquilo que ele representa também não é um individual, mas um geral. Assim são as palavras. Isto é: signos de lei e gerais. A palavra *mulher*, por exemplo, é um geral. O objeto que ela designa não é *esta* mulher, *aquela* mulher ou a mulher do *meu vizinho*, mas toda e qualquer mulher. O objeto representado pelo símbolo é tão genérico quanto o próprio símbolo (SANTAELLA, 2003, p. 14).

Saindo da abstração peirciana, passamos à aplicação dos signos em alguns vocábulos que se destacam neste trabalho. São eles: criança, infância, arte e desenho. Começamos, então, pela palavra *criança*. Enquanto palavra isolada, temos a criança como um símbolo. Uma idéia geral de criança que pode ser considerada como um pequeno ser humano em criação. Este símbolo *criança* está habitado de índices e ícones na medida em que falar a palavra *criança* suscita uma série de representações nas mentes interpretadoras. Podemos pensar a criança no seu meio familiar, mas também a criança de rua. Podemos pensar a adoção de crianças, a violência, o abuso, a exploração infantil. Podemos pensar nos seus jogos e brincadeiras e, também, na Educação Infantil. A direção que a palavra criança tomará depende do intérprete e do processo interpretante. No caso desta pesquisa, falar em criança remeterá ao tema da escola e da educação, focando nos desenhos produzidos por essas crianças, que também serão analisados como signos.

Falar em criança remete à infância e aos seus significados no contexto histórico e social em que nos situamos. Neles, o símbolo *infância* pode ser tomado, em termos gerais, como o período do desenvolvimento humano que vai do nascimento até a adolescência. Infância representa diretamente o grupo das crianças. E a categoria geracional destas, indica as próprias crianças. Mas, ao falarmos em criança e infância, que qualidades se apresentam? Analisar os termos criança e infância enquanto ícone dependerá da mente interpretadora. Com base em premissas teóricas históricas, sociológicas e antropológicas, podemos perceber a multiplicidade de percepções sobre o assunto que, além de depender do intérprete, também está ligada ao momento histórico e social dos referidos estudos. Apenas para

retomar um pouco da teoria sociológica e antropológica, temos uma criança socialmente passiva (DURKHEIM, 2007) e uma criança socialmente ativa (SARMENTO, 2005); temos o surgimento do sentimento da infância na modernidade (ÀRIES, 1981), temos a cultura sendo um processo fundamental no desenvolvimento e crescimento das crianças (MEAD apud NUNES, 2003) e uma variedade de culturas da infância (SARMENTO, 2005) e temos, também, a escola como uma instituição dedicada à infância (SARMENTO *apud* SCHERER, 2007), entre outras questões. O que importa ressaltar é a pluralidade de assuntos que se relacionam com as crianças e a infância, fazendo destas um signo em todas as suas instâncias – símbolo, porque traz uma representação geral e consensual; índice porque indica uma série de fatores reais para a relação que o intérprete estabelecerá com o existente concreto; e ícone porque apresenta as qualidades que podem estar relacionadas aos termos.

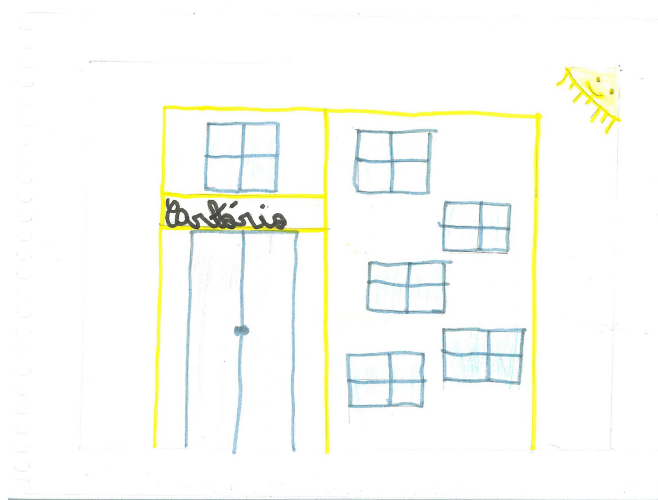
Passamos ao vocábulo arte. Pensar em arte enquanto símbolo faz pensar na arte como a produção estética realizada por um indivíduo a partir de suas percepções, procurando dar significado único à sua obra. Pensar no símbolo arte traz na mente uma série de índices como, por exemplo: arquitetura, artes cênicas, arte digital, arte-educação, artes plásticas, artes visuais, cinema, teatro, dança, música, fotografia, literatura, poesia, pintura, desenho, etc. Quaisquer dos índices citados, se fossem analisados, trariam em si uma série de qualidades próprias que lhe confeririam a qualidade de ícone. Aqui, o que nos interessa, é o desenho.

Símbolo é um tipo geral, algo que é identificado por todos. Pensar em desenho enquanto um símbolo remete à idéia de um conjunto de traços – linhas e pontos – sobre um plano formando uma imagem. Para compreender melhor o desenho, devemos passar do nível do simbolismo para o nível indicial. Pensar no vocábulo desenho indica alguns fatores como, por exemplo: desenho animado, histórias em quadrinhos, desenhos de pessoas (ou retratos desenhados), desenhos infantis, etc. O desenho é, então, um índice de arte, e um símbolo da imagem que representa. Contudo, quando pensamos no ato de desenhar e no desenhista, entramos no nível icônico sobre os desenhos. A qualidade dos desenhos está diretamente ligada ao desenhista e seu modo de produção, isso confirma a importância que tem o intérprete para a compreensão dos signos. É seu conhecimento sobre o desenho e o

desenhista que produzirá o significado em sua mente interpretadora, produzindo outro signo.

Posso perceber o quanto meu conhecimento sobre o objeto de estudo me possibilita compreender seus desenhos. Na primeira aula, após a volta das férias do meio do ano, a professora propôs que os alunos fizessem um desenho que representasse o que eles mais gostaram nas suas férias. Uma menina desenhou:

Figura 1: Cartório, por Isabel.



Fonte: registro da autora.

Enquanto a maioria das crianças desenhava a imagem de si própria jogando bola, brincando, ou até ajudando nos afazeres domésticos, Isabel desenhou um cartório. Observando as conversas entre a menina e as colegas, entendi o porquê do seu desenho conter um cartório. Nas férias escolares, a menina viajou para o casamento de uma prima de sua mãe, e como as férias do meio do ano são curtas, o tempo gasto com a viagem e o casamento marcou suas férias, fazendo com que a menina representasse, em seu desenho, o cartório onde ocorreu o casamento. Se, além da análise dos desenhos, não existissem observações em campo, não haveria como proceder às análises propostas, pois estas ficariam apenas no nível de um símbolo e as representações gerais que poderiam surgir dele, não ocorrendo condições de relacionar as produções artísticas das crianças com as situações reais a que estavam se relacionando, e nem com os ícones que estes sugestionavam.

A partir dos conceitos sógnicos de Peirce, podemos analisar o desenho acima. Enquanto símbolo, podemos pensar no elemento posto pela criança – o cartório – a partir de vários olhares. O cartório pode ser um lugar onde se arquivam documentos de importância, pode ser tabelionato, registro público, civil, imobiliário, etc. Temos claro, então, a simbologia do cartório enquanto um local onde se realizam os mais diversos registros. Mas, qual conexão indiciária este desenho pode ter? Baseando-se na conversa entre a menina e sua colega, é possível constatar a conexão real entre os existentes, ou seja, o desenho indica um cartório concreto, real, existente, potencialmente validado no discurso da aluna sobre suas férias e sobre o casamento que presenciou naquele local. O desenho, então, no nível icônico, apresenta o principal fato ocorrido nas férias da menina e sugere que, apesar de sua rotina ser rodeada de tantos outros acontecimentos, esse casamento, de alguma forma, marcou sua memória.

É importante observar que as três formas de classificação dos signos aparecem dependentes uma das outras, elas não existem sozinhas. Seria impossível analisar a imagem acima apenas como um ícone, por exemplo, pois todos os fatores devem ser levados em conta, e classificar a imagem quanto à tricotomia nem sempre é possível. Pode acontecer de estes significados estarem tão intrínsecos e envoltos um no outro que não será possível distingui-los. E, quando percebemos que os significados estão emaranhados em uma teia (GEERTZ, 2003) em que as conexões entre um ponto e outro dão sentido e forma à cultura, possibilita que sejam interpretados e analisados em seu meio cultural.

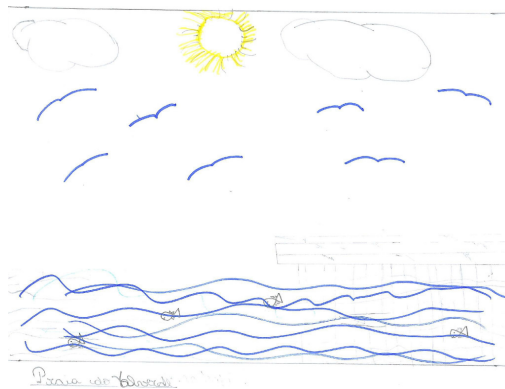
Pensando no meio cultural e social em que vivem essas crianças, no início do mês de julho, a professora propôs aos alunos que fizessem um desenho em homenagem à cidade de Pelotas, que completaria 198 anos no dia 07 do mesmo mês. O tema era livre, desde que estivesse relacionado à cidade. Os desenhos representaram alguns pontos turísticos, praias, clubes, circo, etc., como vemos a seguir:

Figura 2: Circo do Bebê, por Josi.



Fonte: Registro da autora.

Figura 3: Praia do Valverde, por Nádia.



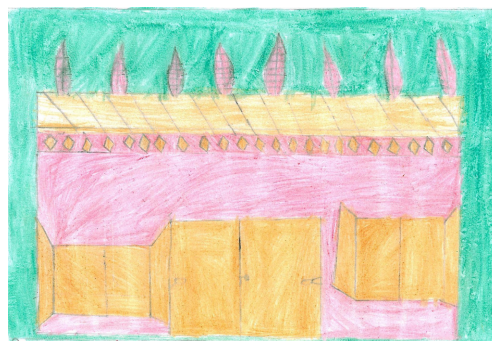
Fonte: Registro da autora.

Figura 4: Biblioteca Pública Pelotense, por Maria.



Fonte: Registro da autora.

Figura 5: Museu da Baronesa, por Letícia.



Fonte: Registro da autora.

Podemos pensar na tricotomia peirciana ao observar esses desenhos, considerando que esta foi uma proposta dirigida pela professora com o objetivo de incentivar os alunos a pensarem em sua cidade. Os aspectos evidenciados pelos alunos giram em torno, principalmente, de pontos turísticos, como exposto nos desenhos acima. Os significados intrínsecos destas representações levam às características dos signos: ao propor uma atividade sobre a cidade de Pelotas e seu aniversário, a professora colocou para os alunos o símbolo do qual eles partiriam para seus trabalhos. Quando os alunos passaram às suas representações, enquanto intérpretes do símbolo *Pelotas*, passaram pelo processo interpretante a que Peirce se refere, e procuraram, em suas memórias, aspectos indiciários e

icônicos sobre o tema proposto, que os levaram a produzir seus desenhos. As imagens das páginas 8 e 9 indicam a conexão concreta com seus existentes, e lhe conferem importância na perspectiva dos alunos, como fazendo parte de uma cultura em geral, seja em relação ao circo, à praia, à biblioteca ou ao museu.

Nestes aspectos, podemos levar em conta conceitos sociológicos, como reprodução interpretativa de William Corsaro (2002) e culturas da infância de Manuel Sarmiento (2003). Quando produzem seus desenhos, seja de forma dirigida pela professora ou de forma livre, as crianças interpretam o mundo à sua volta e o expressam de uma forma modificada. Essa modificação se dá porque o imaginário infantil permite a adaptação necessária à realidade que os envolve, possibilitando-lhe “criar um mundo outro, nas condições da mais dura adversidade” (SARMENTO, 2003, p. 1), projetando essa imaginação, tanto em suas brincadeiras e jogos, quanto em seus desenhos. O imaginário se torna, aqui, a peça fundamental, tanto para quem produz as imagens, quanto para quem as observa. É no nível do observador que Peirce se refere ao interpretante, que observa uma imagem, interpreta e gera os mais possíveis significados.

Considerações Finais

Os desenhos aqui analisados suscitam características semióticas importantes para compreender a cultura da infância e o lugar da infância e das crianças nessa sala de aula. Estes desenhos se configuraram, enquanto signos indiciários dos alunos - traços realizados por aqueles que os produziram, marcas deixadas no papel em consequência de seus gestos manuais. Também se configuraram, enquanto signos simbólicos, na medida em que são reveladores de um imaginário coletivo agindo sobre o imaginário individual, possibilitando identificar as referências que as imagens podem representar. E se configuraram, enquanto signos icônicos, na medida em que suas referências são criadas a partir de elementos externos, que as crianças tentam imitar em sua aparência, mas que seus significados podem se transformar em símbolos generalizados e aplicados pedagogicamente pelos professores.

É importante ressaltar que, mesmo com a influência externa para a produção de desenhos, os referentes não se caracterizam como fatores completamente objetivos para as crianças, pois cada uma, na sua maneira, identifica os estímulos externos e os interpreta e transforma em signos repletos de significados subjetivos a cada sujeito que o produziu.

Podemos concluir, assim, que as crianças são protagonistas de suas atividades, na medida em que apresentam e representam a sociedade e a escola à sua maneira. Suas interações, ao produzir os desenhos, colaboram para uma compreensão efetiva de seus significados, pois é de extrema importância ouvir o que as crianças dizem sobre o que desenham. A combinação entre antropologia, semiótica e desenhos permitiu às crianças se expressarem de forma que pudessem ser compreendidas pela pesquisadora e por aqueles que os lerem. Da mesma forma, os elementos que os desenhos possuem permitem aos pesquisadores e docentes formarem uma ideia sobre a cultura infantil daquela turma.

Deste modo, a importância dos desenhos produzidos em sala de aula veio possibilitar uma reflexão, não só sobre a sociedade, mas também sobre a escola como tal.

Referências

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

ARIÈS, Phillipe. **História Social da Criança e da família**. 2a Ed: LTC, Rio de Janeiro, 1981.

CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. **Educação, Sociedade e Culturas**, n.117, 2002, p.113-134. Disponível em: <<http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC17/17-5.pdf>> Acesso em: 02 Setembro 2009.

DURKHEIM, Èmile. **Educação e Sociologia**. Portugal: Edições 70, 2007. 131f.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das Culturas**. 1ed., 13reimpr., Rio de Janeiro: LTC, 2008, p.3-21.

NUNES, Angela. **“Brincando de ser criança”: contribuições da Etnologia Indígena Brasileira à Antropologia da Infância**. 2003. 341f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Lisboa, Portugal. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10071/684>> Acesso em: 30 Agosto 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. 2a Ed.: Brasiliense, 2003. Livro digitalizado e formatado para Projeto Democratização da Leitura – PDL. Disponível em: <www.portaldetonando.com.br> Acesso em: 10 Julho 2010.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e Culturas da Infância**. Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto As Marcas dos Tempos: a Interculturalidade nas Culturas da Infância, Projeto POCTI/CED/49186/2002, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Disponível em: <http://www.cedic.iec.pt/Textos_de_Trabalho/textos/ImaCultInfancia.pdf> Acesso em: 05 Setembro 2009.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Crianças: educação, culturas e cidadania ativa. Refletindo em torno de uma proposta de trabalho. **Perspectiva**, Florianópolis, vol. 23, no 01, p.17-40, Jan/Jul. 2005. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br>> Acesso em: 20 Junho 2009.

SCHERER, Márcia R. **A globalização e a infância: reflexos e reflexões nas falas das crianças**. 2007. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNIJUI. Ijuí, RS. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>> Acesso em: 05 Agosto 2010.

RECEBIDO EM 03 DE MARÇO DE 2013.

APROVADO EM 12 DE JUNHO DE 2013.